

A bordo do MIL ANDANÇAS
Observação de Golfinhos



Troia/Setúbal
SadoArrabida.pt
Tlm. 915 560 342

PUBLICIDADE

Somos
informação
segura
semmais.pt

+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1177
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Quinta-feira
09 junho
2022

semmais



Casa Ermelinda Freitas inova com vinho estagiado a 80 metros

Vinho das Grutas 'saído' das profundezas da Serra de Mira de Aire Pág. 8

O último estaleiro do Tejo ainda resiste

 Pág. 2

PRR de Pedro Dominginhos aguça região

Pág. 5



Pimel de Alcácer regressa ao renovado Parque Urbano

Pág. 7

Hospitalização domiciliária do S. Bernardo já chegou a 500 doentes em três anos Pág. 3



Silopor na Trafaria assegura trigo para todo o país

Pág. 12

1920 **100** 2020
ANOS
YEARS
VINHAS & VINHOS
VINES & WINES

CASA
ERMELINDA
EST. FREITAS 1920

DAS MELHORES UVAS
NASCEM OS MELHORES VINHOS.

WWW.ERMELINDAFREITAS.PT

SEJA RESPONSÁVEL. BEBA COM MODERAÇÃO.

PUBLICIDADE

ÚLTIMO ESTALEIRO NAVAL TRADICIONAL DO DISTRITO RESISTE EM SARILHOS PEQUENOS

Lento 'naufrágio' das embarcações de madeira que navegaram o Tejo



O último empresário do setor entende que só com o empenho do Estado e da câmara de Lisboa será possível salvar uma arte que há quatro décadas tinha dezenas de estaleiros, mas que agora se encontra resumida a um.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM SEMMAIS

SÃO, PELO MENOS, oito os cascos que estão assentes no lodo, naquele braço de Tejo que divide Sarilhos Pequenos de Sarilhos Grandes, no concelho da Moita. São o que praticamente resta da frota naval das embarcações de madeira do distrito de Setúbal. Ali, nas oficinas chefiadas por Jaime da Costa, são a parte restante de uma indústria que há 50 anos tinha 62 empresas e que, atualmente, está reduzida a um representante.

As embarcações de madeira que há décadas sulcavam o Tejo, transportando cereais, materiais de construção, peixe, pessoas e tudo o mais que fosse possível imaginar são hoje quase que uma recordação. Em Sarilhos Pequenos resiste o último estaleiro. Um local onde nove homens ainda trabalham as madeiras que dão forma a varinos, fragatas, botes, galeões. “Até quando? Até que seja possível”, diz Jaime da Costa, o dono do último estaleiro.

“Aqui mantemos a tradição das embarcações de madeira do Tejo. Não sei até quando, até porque estamos todos mais velhos e não se encontram muitos jovens a pegar nestes ofícios. Os dois últimos carpinteiros navais que tive ao serviço reformaram-se no ano passado. Um com 78 e outro com 74 anos”, refere Jaime da Costa ao Semmais.

Atualmente, no último dos estaleiros do Tejo, que já foram 62 há cerca de quatro décadas, mas que têm vindo a soçobrar ao ritmo a que deixam de aparecer interessados nas típicas embarcações, os homens que ali se deslocam diariamente encarregam-se de fazer alguns arranjos nos navios que algumas câmaras municipais ribeirinhas ali tentam recuperar e, em muito menor número, as embarcações propriedade de particulares.

“O trabalho é cada vez menos”, afirma o mestre Jaime, que herdou o negócio do seu pai que ali se instalou em 1955, depois de

alguns anos a trabalhar em Setúbal e após ter chegado ao distrito vindo de Pardilhó, Aveiro, na companhia de mais homens que, na altura, eram especialistas na construção e manutenção de embarcações de madeira.

“Comecei com sete anos. Desde então, sempre a acompanhar o meu pai e os homens que com ele trabalharam, fui aprendendo este ofício. Não sei por quanto mais tempo será possível manter o negócio, porque cada vez é mais difícil arranjar quem queira trabalhar. Os jovens vêm experimentar, mas depois... vão embora”, explica o dono do estaleiro.

EMPRESÁRIO DIZ QUE SÓ LISBOA PODE EVITAR 'AFUNDAMENTO'

Jaime da Costa, prestes a fazer 69 anos e a trabalhar nos navios de madeira desde os sete, entende que a salvação da arte que abraçou passa, sobretudo, pelas encomendas que forem surgindo dos municípios ribeirinhos. “As câmaras municipais ainda vão mantendo isto a funcionar, mas cada vez menos e, se não for o Estado ou a câmara de Lisboa, que é a que possui melhores recursos, então os estaleiros de embarcações de madeira do Tejo podem desaparecer de vez”, atira.

O empresário aponta para uma embarcação diferente de todas as restantes que estão acostadas naquele braço do rio. “É uma

muleta. A última do Tejo. Que se saiba não existe mais nenhuma. Foi recuperada aqui, no meu estaleiro, há cerca de quatro anos. Quanto custou? Cerca de 300 mil euros. Mas até hoje ainda aqui permanece. Ninguém lhe dá uso. É de uma câmara municipal, mas ninguém a põe a navegar”, diz.

Os homens preocupam-se agora em dar os melhores cuidados ao “Amoroso”, um varino de 25 metros de comprimento, capaz de navegar arrastando à vela 110 toneladas e propriedade da autarquia do Seixal. É uma das embarcações de grande porte que ainda resiste ao passar dos anos. “A câmara utiliza-o em passeios pelo rio. Só tenho pena que outras embarcações não sejam recuperadas. Há varinos, fragatas, botes, galeões... Está tudo a degradar-se sem que os municípios os recuperem e os ponham a promover o rio estes concelhos”, lamenta o empresário, referindo que as antigas embarcações que outrora foram utilizadas na pesca e no transporte de pessoas e todo o tipo de mercadorias (sal, areia, cortiça, madeiras e produtos hortícolas) não tenham agora o aproveitamento turístico devido.

“Há uns anos eram os estrangeiros quem mais se preocupavam em salvar as embarcações típicas do Tejo. No tempo do meu pai houve holandeses que tomaram conta de um bote de 15

Há meio século existiam 62 estaleiros

metros, o “Sejas Feliz”, e que o levaram a navegar para o Brasil e para as Caraíbas. E todos os anos regressavam aqui com ele, para que se fizesse a manutenção pelos modos tradicionais”, recorda Jaime da Costa.

O futuro não promete vento de popa ao estaleiro resistente e onde particulares, “quase a troco de nada” fazem as reparações de embarcações mais pequenas. “É tudo muito incerto. Não há formação e parece que não existe ninguém interessado em salvar estes ofícios e estas embarcações. Este é um trabalho sazonal, onde a atividade diminuiu muito entre o inverno e maio. Se não surgirem pessoas interessadas em preservar o património, os navios tradicionais feitos de pinho manso e bravo, então tudo se vai perder irremediavelmente. Perdem-se os ofícios, as embarcações e perdem também os municípios, que deixam morrer parte do seu património cultural”, afirma o dono do estaleiro, ao mesmo tempo que vai apreciando o trabalho de Eduardo Rodrigues, especialista na pintura de todas as embarcações e que, de pincel em riste, empoleirado em pranchas de madeira suspensas a vários metros de altura, vai dando alguns retoques aos navios que ainda subsistem. ■

UNIDADE DE HOSPITALIZAÇÃO DOMICILIÁRIA DO S. BERNARDO CELEBRA 3º ANIVERSÁRIO

Cuidados e tratamentos já chegaram a cerca de 500 doentes

A criação de uma segunda equipa já foi aprovada pelo conselho de administração do hospital de Setúbal. Para já, o serviço, iniciado há três anos, é assegurado por quatro enfermeiras e duas médicas que o Semmais acompanhou durante uma jornada.

TEXTO DAVID MARCOS

IMAGEM LEONOR GUERRA / CHS

SÃO NOVE DA MANHÃ e numa pequena sala do quarto piso do São Bernardo, em Setúbal, já se vai preparando mais uma jornada da Unidade de Hospitalização Domiciliária, uma rotina se repete há três anos. À frente da equipa, desde a sua criação, em junho de 2019, está a Dra. Paula Lopes, que vai explicando ao Semmais como nasceu este serviço. “Já havia uma grande expectativa. Os hospitais foram incentivados a criar estas unidades, depois do Hospital Garcia de Orta, em 2018, ter tido sucesso naquela que foi a primeira unidade a nível nacional”, revela a responsável.

A Unidade de Hospitalização Domiciliária permite, segundo a médica, “prestar o tipo de assistência e tratamento em casa, que o paciente teria no hospital, sempre garantindo as mesmas condições de terapêutica e segurança”. Para a coordenadora, a grande mais-valia deste internamento é permitir aos doentes que permaneçam nas suas habitações, nas suas rotinas e junto dos familiares.

Paula Lopes, destaca ainda, o detalhe de se evitarem outro tipo de infeções. “Os pacientes estão mais protegidos de outras infeções hospitalares, que muitas das vezes são a causa para o pro-

longamento dos internamentos, da morbilidade e da mortalidade nos internamentos convencionais”, exemplifica.

Segundo a responsável, regista-se um investimento crescente neste tipo de serviço prendendo-se com a necessidade de rentabilizar as estruturas hospitalares. “Todos os hospitais passam por falta de meios e de recursos. Quanto melhor os conseguirmos aproveitar e dirigir segundo a necessidade dos doentes, sem comprometer o seu tratamento e a sua segurança, melhor”, reforça.

SÃO VÁRIOS OS CRITÉRIOS PARA BENEFICIAR OS SERVIÇOS

Para beneficiar deste tipo de internamento, os pacientes devem obedecer a uma variedade de critérios, como ter um diagnóstico definido (uma doença aguda ou crónica), que o tratamento para a doença consiga ser assegurado em casa, que o internamento seja voluntário, e que o paciente seja independente, ou que em caso de dependência esteja a cargo de um cuidador a tempo inteiro. Junta-se ainda o facto de a unidade estar limitada a uma área geográfica que não exceda os 15 km ou 15 minutos desde o Centro Hospitalar.

Quase a sair para mais uma



Serviço faz acompanhamento 24 horas por dia

ronda aos domicílios, a enfermeira Ana Diz, já com os detalhes ultimados, descola-se do computador e segue com atenção a conversa com a médica coordenadora. A enfermeira está desde início na unidade e enaltece a iniciativa. “Acredito que com este tipo de internamento conseguimos dar um cuidado mais próximo, mais atento. Acaba por ser um cuidado mais humanizado”, partilha com a nossa equipa de reportagem.

Igualmente atenta às palavras da enfermeira, Paula Lopes acrescenta ainda que este serviço oferece um acompanhamento mais abrangente, não se limitando aos cuidados hospitalares. “Estamos sempre disponíveis para trabalhar em articulação com as assistentes sociais e com a comunidade para que os pacientes possam ter todas as condições e acompanhamento”, revela a médica, explicando que “as pessoas por vezes não sabem, mas conseguem obter ajudas, como por exemplo uma cama articulada ou uma cadeira de rodas, e nós podemos articular os serviços e conseguir que essas pessoas cheguem a essas ajudas”.

A unidade já tratou de cerca de 500 doentes, dos 18 aos 101 anos, segundo a responsável, com uma taxa de satisfação máxima. “Pelo acompanhamento que damos, conseguimos criar nas pessoas uma verdadeira sensação de segurança. Elas sabem que em qualquer caso de necessidade serão atendidas”, refere.

EQUIPA DE ENFERMEIRAS E MÉDICAS AGUARDA EXPANSÃO

A equipa, que neste momento conta com quatro enfermeiras e duas médicas fixas, faz um acompanhamento 24 horas aos pacientes. A coordenadora explica que, pela dimensão da equipa e a limitação geográfica que têm, não podem acompanhar mais que cinco ou seis doentes em simultâneo. “Está já prevista, tendo sido aprovada pelo conselho de administração, a criação de mais uma equipa para esta unidade, o que nos permitiria chegar a pelo menos 10 a 12 utentes”, revela a médica, que está expectante em relação a esta expansão.

Passam poucos minutos das 10 horas da manhã, quando a clínica Geetha Girithari e a enfermeira Ana Diz deixam o Hospital de São Bernardo, para a ronda aos domicílios. Ao volante vai Carlos Gregório, um dos três motoristas da unidade. “É um serviço mais personalizado. Elas podem dedicar aqui um tempo ao doente, tipo quarenta minutos, uma hora, algo que não conseguiriam fazer no hospital”, afirma Carlos, enaltecendo o trabalho deste serviço.

A primeira paragem é no Pinhal Novo. A paciente M.M.L (por privacidade não revelamos o nome dos doentes), com passado oncológico, é uma das novas doentes admitidas no internamento domiciliário, onde agora trata de uma infeção urinária. Girithari faz as habituais observações, enquanto a enfermeira prepara a medicação. Agora em casa, ao cuidado das filhas, M.M.L estava desejosa por regressar. “Elas (as filhas) são o meu motor de arranque. Aqui em casa posso estar muito mais descansada e elas também”, revela a paciente.

Ainda no Pinhal Novo, a equipa vai dar alta a outro paciente, que também esteve em cuidados por uma infeção urinária. L. C, um doente com tetraplegia, que devido à sua patologia dispõe de uma algália permanente, fez um balanço positivo do tratamento domiciliário, e a sua esposa até brincou: “Ele estava desejoso de vir para casa para comer a sua sopa de tomate”. A viagem segue-se por Palmela e, depois, Setúbal, para cuidar de mais dois pacientes, acabando depois das 13h00, com o sentimento de dever cumprido. ■

Médicos do Garcia de Orta pedem escusa de responsabilidade

VÁRIOS MÉDICOS do serviço de Urgência do Hospital Garcia de Orta (HGO), em Almada, apresentaram minutas de escusa de responsabilidade, alertando para o esgotamento dos profissionais e exigindo condições para tratar os seus doentes.

O alerta foi tomado público pelo Sindicato Independente dos Médicos (SIM) quarta-feira, que publicou uma missiva assinada por mais de 70 médicos, chefes de equipa, médi-

cos especialistas e internos do serviço de urgência do hospital.

Segundo o SIM, que manifesta estar solidário com os profissionais de saúde daquela unidade hospitalar, os médicos do HGO exigem condições para tratar dos seus doentes e têm apresentado minutas de escusa de responsabilidade.

Na missiva, os médicos referem que “a situação que se vive no serviço de Urgência nos úl-

timos dias está a ultrapassar os limites do imaginável e a esgotar os profissionais de saúde a todos os níveis” e que não têm obtido qualquer resposta dos superiores, com os quais, afirmam, têm comunicado via email nos dias em que estão de urgência através de descrições curtas e objetivas da situação e de escusas de responsabilidade.

“Sentimos falta de respeito, falta de plano, falta de gestão e

liderança da hierarquia superior do HGO”, escrevem considerando que o que está a acontecer no Serviço de Urgência “não é gerível de forma nenhuma”.

Os médicos que subscrevem a missiva afirmam ainda que tentam encontrar motivação na profissão, mas que não existe motivação que possa “assegurar condições de segurança, qualidade, nem sequer nos mínimos aceitáveis para cuidar das centenas de pessoas a

seu cargo” ao fim de oito, 12, 16 e 24 horas de trabalho.

“A chefia de equipa atingiu limites indescritíveis, com a sensação global de incapacidade de gestão de tantas áreas de trabalho, de mais de 80 doentes internados na UiMC, de quase 30 doentes internados no ADR (área dedicada para doentes respiratórios), de uma área de observação clínica sem espaço para dignidade, segurança, tratamento dos mínimos, higiene, controlo de infeção e um infundável de erros constantes por falta de tempo, de capacidade, de espaço, de limpeza, de recursos humanos e materiais”, referem os médicos na missiva. ■

Distrito de Setúbal é o terceiro do país com mais coletividades

Espalhadas por todo o distrito há 1900 coletividades. Setúbal é o concelho com mais instituições, logo seguido do Seixal e de Almada.

TEXTO DAVID MARCOS
IMAGEM DR

O MOVIMENTO ASSOCIATIVO, em especial com atividades ligadas à cultura, recreio e, ou, desporto são um património cultural, sociológico e histórico português. Esta narrativa é avançada por Augusto Flor, presidente da Confederação Portuguesa das Coletividades (CPC-CRD), em conversa com o Semmais, e confirmada pelas cerca de 33 mil coletividades que existem no país.

No que toca ao distrito de Setúbal, como explica o mesmo responsável da CPC-CRD, o associativismo é inegável e um dos mais fortes. “Setúbal tem cerca de 1900 coletividades, sendo a nível nacional o terceiro distrito com uma maior presença”, avança.

Olhando ao detalhe para o nosso território, segundo os dados disponibilizados pela confederação, a capital de distrito é o concelho com mais coleti-

vidades (241), seguido do Seixal, (232), e Almada (206). Em sentido inverso, estão Alcochete (28), Alcácer do Sal (62), Sines (64). A coletividade mais antiga no distrito, de acordo com Augusto Flor, é a de Visconde d’Alcácer, em Alcácer do Sal, praticamente bicentenária.

Pela sua grande atividade na cultura, recreio e desporto, as coletividades realizam um trabalho importante para e com as populações. “A atividade é próxima e bastante forte, chegam onde o Estado não consegue chegar”, refere Augusto Flor.

“O que seria, por exemplo, da cultura e do desporto, em muitos casos, se não existissem as coletividades?”, questiona o presidente da CPC-CRD.

Augusto Flor lembra ainda a relação antiga das coletividades com o poder local: “É por isso que é frequente vemos



autarquias desenvolverem parcerias, apoios e protocolos com as coletividades, porque sabem da importância do trabalho que estas desenvolvem junto da população”, afirma.

IMPOSTOS LEVAM CERCA DE 25 POR CENTO DAS RECEITAS

Neste âmbito, Augusto Flor explica que 12 a 15 por cento das receitas destas instituições são provenientes de protocolos, ou de outros apoios estabelecidos com as autarquias. Contudo, para este responsável, é errada a ideia de que possa existir uma “subsidiopendência”. “Estimamos que 23 a 26 por cento destas receitas vão para impostos diretos ou indiretos. Isto é, as coletividades e associações não só não são subsídio-dependentes, como são agentes contributivos, com os impostos que pagam, para o Estado”, argumenta.

Para a confederação, a pandemia não foi causadora direta de término de atividade das coletividades, mas, na realidade, agudizou problemáticas há mui-

to levantadas pela entidade. Além de questões de tesouraria, um quadro legal pouco efetivo na defesa do dirigente associativo e diferendos com a Sociedade Portuguesa de Autores, Augusto Flor queixa-se de que continua a não haver clareza legislativa sobre quem deve prestar os apoios ao movimento, se o Estado Central ou as autarquias.

Apesar dos obstáculos, o líder da CPC-CRD afirma que, muito dificilmente, uma coletividade encerra definitivamente. “Estamos a falar de entidades com história, com os seus sócios, que continuam a pagar as suas cotas e a conviver”, refere, explicando que “o que acontece, em certos casos, é não haver disponibilidade e motivação para se montar uma direção”. Augusto adianta que tais dificuldades acabam por ser ultrapassadas e em “90 por cento dos casos” as coletividades retomam as atividades. “As pessoas acabam sempre por se encontrar, falam sobre a coletividade e lá se organizam e retomam a atividade novamente”, conclui. ■

PUBLICIDADE

Motoristas da TST com mais horas de descanso

OS MOTORISTAS DA TRANSPORTES do Sul do Tejo (TST) vão passar a ter mais uma hora de descanso diário. A notícia vai avançada esta semana, depois de as negociações entre os sindicatos e a administração da empresa se arrastarem desde 2019.

O novo acordo de empresa, que terá uma duração de cinco anos, prevê que os motoristas passem a ter um período de descanso diário de 11 horas, contra as dez que até agora vigoravam, e semanal de 59 horas, mais uma do que o que estava contemplado. O referido acordo será assinado com o Sindicato dos Trabalhadores Rodoviários e Urbanos de Portugal (STRUP), o Sindicato dos Trabalhadores dos Transportes (SITRA) e o Sindicato Nacional dos Motoristas.

Este acordo acontece dias depois de a TST, empresa com mais de 700 traba-

lhadores e há 20 anos integrada no grupo Arriva, ter sido transferida para o grupo rodoviário israelita Dan. Esta empresa integra, por sua vez, o conjunto de entidades responsáveis pela operação rodoviária em 15 dos 18 concelhos que fazem parte da Área Metropolitana de Lisboa (AML).

Refira-se que a AML criou recentemente a Transportes Metropolitanos de Lisboa, aumentando e redefinindo desse modo o número de linhas e autocarros em circulação.

Alguns dos novos percursos começaram a ser efetuados no início do mês, enquanto outros entrarão em vigor a partir de 1 de julho. Trata-se, no entanto, de um processo que não tem corrido de acordo com o previsto, uma vez que muitos dos condutores deixaram de efetuar os percursos alegando falta de formação para operarem com as novas viaturas. ■

Dominguinhos fala em PRR multidisciplinar para melhorar generalidade do distrito

Presidente da comissão de acompanhamento salienta aspetos tão diversos como a habitação, as infraestruturas ou saúde e a educação. “Irá refletir-se na qualidade de vida das populações”, diz Pedro Dominguinhos.



TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR

A SAÚDE, A HABITAÇÃO, as infraestruturas ou a ação social são alguns dos principais itens escolhidos pela maioria dos concelhos do distrito de Setúbal para serem subsidiados no âmbito do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR).

Em conversa com o Semmais, o recém empossado presidente da Comissão de Acompanhamento do PRR, Pedro Dominguinhos, que até há pouco desempenhava funções como responsável máximo do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), manifestou a convicção de que as populações envolvidas vão melhorar os seus

Pedro Dominguinhos foi até há pouco tempo presidente do IPS

modos de vida “mesmo que os montantes a receber possam não ser aqueles que, eventualmente, alguns municípios e algumas empresas desejariam”. “São muitas as centenas de milhões de euros que serão canalizadas para

muitas candidaturas. Isso irá refletir-se na qualidade de vida das populações”, salientou.

Pedro Dominguinhos, falando de alguns projetos importantes, destacou a participação para a aquisição dos equipamentos do futuro Hospital do Seixal (o processo continua emperrado devido a um pedido de impugnação do projeto), ou a construção da variante Atalaia/Montijo ou, ainda, a recuperação da EN104, entre a Mitrena e Setúbal. “São melhoramentos que são reclamados há muitos anos e cuja concretização terá, certamente, efeitos muito benéficos”, referiu ao nosso jornal.

DA SAÚDE À HABITAÇÃO, SÃO MUITOS OS MILHÕES

Continuando a mencionar algumas áreas onde o PRR será determinante, o presidente da comissão de acompanhamento mencionou ainda o projeto que visa melhorar os equipamentos em diversos centros de

saúde, os serviços de cuidados continuados e também aqueles que diversos municípios, como por exemplo a Moita, o Barreiro ou o Montijo, irão desenvolver para criarem habitação acessível.

O carácter social é, de resto, muito valorizado por Pedro Dominguinhos, que não deixou de apontar a existência de projetos que visam as populações mais desfavorecidas. Depois, há ainda um vasto leque de participações que contemplam diretamente a área da educação, nomeadamente as que foram destinadas ao IPS, mas também as que irão possibilitar a construção de residências para estudantes.

“O impacto é, efetivamente, muito grande e importante. É multidisciplinar, tanto que abrange empresas como a Autoeuropa, as indústrias de aeronáutica, o porto de Sines ou a produção de hidrogénio verde. Há até um projeto da Marinha para Troia”, salientou. ■



FEI-TUR

FEIRA DE TURISMO DO SW

17a19jun^{'22}

VILA NOVA DE MILFONTES



organização organisation



parceiros partners



patrocinadores sponsors

PUBLICIDADE

EXECUTIVO MUNICIPAL APROVA PROJETO SUPERIOR A TRÊS MILHÕES DE EUROS

Alcochete e São Francisco ligadas através de uma ciclovia

Ainda muita tinta correrá até à implementação desta ciclovia. No entanto, o projeto orçamentado num valor superior a três milhões de euros, prevê um corredor de segurança entre as duas freguesias, assim como a reabilitação paisagística e urbana.

TEXTO DORA DUARTE
IMAGEM DR

O PROJETO, que a autarquia quer executar em quatro fases distintas num prazo máximo de 36 meses, prevê a construção de uma ciclovia e de um percurso pedonal com cerca de dois quilómetros, ligando assim Alcochete a São Francisco e prolongando-se até ao limite com o município do Montijo.

O referido trajeto, percorrido diariamente por algumas dezenas de pessoas, não se encontra,



atualmente, nas melhores condições de segurança, um facto que levou a câmara local a realizar um estudo prévio que permitisse arranjar um novo perfil para a plataforma da antiga Estrada Nacional 119 que, no caso, se enquadra num âmbito mais alargado de requalificação das infraestruturas locais e do espaço público.

“Este projeto ambicioso prevê mais segurança para quem se desloca a pé entre estas duas freguesias. Contempla também a mobilidade em sistema de bicicletas que estamos a implemen-

tar no concelho; a requalificação desta estrada e das infraestruturas do subsolo, tanto do ponto de vista fluvial como dos esgotos, e de todas as estruturas de eletricidade e de comunicações, isto é em vez de termos os fios expostos, poste a poste, teremos ao nível do subsolo. Vamos também intervir a nível paisagístico, através da plantação de novas árvores, arbustos e herbáceas de revestimento, bem como na instalação de equipamento e mobiliário urbano ao longo de todo o percurso, proporcionando assim zonas de sombra e de

descanso”, avança ao Semmais o presidente Fernando Pinto, acrescentando que também neste troço irá ser contruída uma rotunda, de modo a facilitar a circulação.

AUTARQUIA VAI TER NEGOCIAR CEDÊNCIA DE TERRENOS

No entanto, o autarca está consciente “do caminho longo que é necessário percorrer”, porque a próxima etapa passa por reunir com todos os proprietários dos terrenos para as respetivas cedências, para além de que o município terá de conseguir

capacidade financeira, através do recurso a fundos nacionais ou europeus, para a execução do projeto, que a esta data tem um orçamento de 3.195.102,41 milhões de euros.

“O projeto está feito para ser incrementado em quatro fases e agora vamos, muito em breve, iniciar a ronda de conversações com os proprietários que são afetados por este projeto, no sentido de sensibilizarmos as pessoas da mais-valia que os seus terrenos vão ter e para que nos possam ceder as parcelas necessárias para implementar esta empreitada. Por outro lado, vamos também ficar um pouco na expectativa que o quadro comunitário nos possa proporcionar, enfim, a oportunidade de podermos avançar tão rápido quanto o possível”, afirma o presidente.

Em conversa com o Semmais, Fernando Pinto referiu ainda que o trabalho que a autarquia tem vindo a fazer, no que diz respeito a questão relacionada com as ciclovias, “tem sido bastante positivo” e que “trouxe um incremento à qualidade de vida das pessoas”, daí ter sido decidido e aprovado pelo executivo municipal dar continuidade a este projeto. ■

Inauguração de Smarthub marca Dia Mundial da Bicicleta em Setúbal

Parceira com Transportes Metropolitanos de Lisboa (TML) e chegada dos velocípedes da Bolt reforçam investimento e oferta da mobilidade alternativa na cidade do Sado.

TEXTO DAVID MARCOS IMAGEM DR

DESDE O PASSADO 3 de junho, curiosamente celebrado como o Dia Mundial da Bicicleta, que a nova plataforma Interface de Transportes de Setúbal, na Praça do Brasil, dispõe de um Smarthub, um espaço dedicado às bicicletas e mobilidade alternativa.

Resultado de uma parceria entre a câmara de Setúbal e a Transportes Metropolitanos de Lisboa, está dotado de vários equipamentos, entre os quais uma “bicibox”, uma estrutura fechada com capacidade para 12

bicicletas com acesso através da utilização do passe navegante. Ao lado dessa estrutura está a outra novidade, no caso um ponto de reparação rápida e gratuita de bicicletas, com diversas ferramentas como uma bomba para ajustar a pressão do ar nos pneus.

Além destes equipamentos, o Dia Mundial da Bicicleta foi assinalado com a assinatura de um protocolo que reforça a oferta da Bolt em Setúbal. A empresa, que opera no município há cerca de um ano com trotinetas, além de

colocar uma estação de carregamento para estes veículos no Interface, traz agora as suas bicicletas, disponibilizando, desde logo, 50 velocípedes elétricos.

Durante a assinatura do acordo, Santiago Páramo, responsável pelas operações da Bolt na Península Ibérica, mostrou entusiasmo para o futuro da empresa na cidade. “Em apenas um ano, Setúbal está a chegar às 800 mil viagens em trotinetas elétricas partilhadas. Isto faz desta cidade um ponto muito apelativo para a Bolt”, afirmou, acrescentando que “estes indicadores fazem com que haja expectativas muito elevadas também para as bicicletas”.

Mark Mollet, gestor de operações da mobilidade suave da Bolt em Portugal, em declarações ao Semmais, reforçou as ideias de



Santiago Páramo, referindo que a colocação das bicicletas junto ao Interface é simbólica, facilitando o “transbordo”, o que, juntando às trotinetas, permite aos utilizadores viagens diferentes. “A nossa missão é cada vez mais, agora com as bicicletas, complementar a oferta. Por exemplo, para atravessar a cidade usa a bicicleta; para fazer um percurso curto utiliza a trotinete”, explicou Mark Mollet.

Depois do lançamento da Carris Metropolitana e do investimento na rede de transportes públicos, o reforço da Bolt e a colocação de infraestruturas junto ao Interface, é, para a vereadora

com os pelouros do urbanismo e mobilidade da autarquia sadina, uma clara mensagem da câmara. “Há preocupações com a qualidade das condições da cidade, com a redução de emissões de carbono e com a criação de condições de circulação menos poluentes”, referiu Rita Carvalho em declarações ao Semmais.

Rui Lopo, administrador dos TML, destacou a colaboração da empresa, “como facilitador destas ofertas”. “É o sinal de que, além da promoção do transporte sustentável, é uma forma de incentivo a uma nova maneira de pensar e de se praticar a mobilidade urbana”, afirmou. ■

Badoca luta há mais de duas décadas por melhores acessos

O único parque temático do distrito de Setúbal, para observação de animais em liberdade, anda há anos a reivindicar melhores acessos. O município está envolvido na luta e promete não cruzar os braços.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM DR



A GERÊNCIA DO BADOCA Park e o executivo do município de Santiago do Cacém exigem, há largos anos, a melhoria dos acessos ao parque de diversões que, criado há 22 anos, recebe anualmente à volta de 100 mil visitantes. É que as pessoas para saírem do parque, em direção a Grândola, têm de percorrer quatro quilómetros para entrarem no IC33.

Francisco Almeida, líder do espaço temático, reconhece que é fundamental melhorar os acessos. “As pessoas, para saírem do parque, para seguirem no sentido de Grândola, ou fazem uma transgressão ou, então, correm o risco

de uma manobra perigosa. Faz todo o sentido construir aqui uma rotunda. Há mais de vinte anos que discutimos esse assunto. Penso que a câmara já pediu essa intervenção”, argumenta em conversa com o nosso jornal, acrescentando que o Badoca Park está “licenciado” e tem todo o direito a ter melhores acessibilidades.

Contudo, a esperança é a única a morrer. “Não faço ideia do que poderá acontecer no futuro. Não estão programadas nenhuma obras, mas é provável que algo aconteça. O IC33 já esteve em vias

de passar a autoestrada, mas os trabalhos foram suspensos umas duas ou três vezes”, continua.

Álvaro Beijinha, o presidente da câmara, confirmou ao Semmais que o município já solicitou às Infraestruturas de Portugal (IP), há largos anos, uma rotunda de acesso ao Badoca Park. “Essa rotunda esteve prevista no projeto da futura A26, que em 2012 acabou por ser suspenso. É, sem dúvida, algo importante não só para o parque, um empreendimento turístico importante para o concelho,

mas, também, para o Hospital de Litoral Alentejano. É uma questão preocupante. Já tem havido ali alguns acidentes”, diz.

Segundo o autarca, este ano já houve uma reunião com a IP para “perceber qual é o projeto para a ligação em autoestrada da A2”, tendo a instituição informado a câmara de Santiago do Cacém que o “processo irá ser retomado de forma diferente. Ou seja, em vez de ter a ligação a Grândola Sul será a Grândola Norte, onde estará contemplada a tão desejada rotunda junto ao Badoca Park”.

Recorde-se que no Badoca Park, criado em 1999, no concelho de Santiago do Cacém, o destaque vai para o Safari Africano, uma das mais famosas atrações do parque em que as pessoas, transportadas através de um tractor com reboque, podem observar várias espécies de animais em liberdade no recinto. O percurso dura cerca de 45 minutos e, ao longo do mesmo, os visitantes vão recebendo explicações detalhadas sobre as espécies observadas. Há também restaurante, exposições e parque de diversões para crianças. Este empreendimento é bastante procurado pelos turistas nacionais e estrangeiros, principalmente no verão. ■

Rota do Arroz bate recorde

TEXTO ANTÓNIO LUÍS

POR FORMA A DESENVOLVER a economia local, atrair turistas e contribuir para a divulgação da gastronomia do concelho, Alcácer do Sal volta a realizar a 2.ª edição da Rota do Arroz, que decorre entre 14 e 19 deste mês e que, este ano, conta com um maior envolvimento de restaurantes.

São 46 os empresários que responderam positivamente ao apelo da autarquia, com o apoio da associação APARROZ, sendo de “escolha livre, para os restaurantes a ementa de arroz que vão confeccionar”, sublinha Vítor Proença, o edil, que se mostra feliz com o sucesso da iniciativa. “De 40, na 1.ª edição, passamos para 46 restaurantes participantes, o que significa que na presente edição bate-mos o recorde”, vinca.

Praticamente, “toda a restauração” do concelho está envolvida na Rota do Arroz de 2022, desde o Torrão, Santa Catarina de Sítimos, Comporta, Carrasqueira e Alcácer do Sal. Nas palavras do autarca “vai ser evidenciada a grande qualidade dos nossos cozinheiros, porque haverá um conjunto de cartas gastronómicas que os restaurantes vão aperfeiçoar e focar-se em vários pratos à base de arroz”, como o de camarão, lingueirão, feijão, coentros com enguias fritas, lavagante, cabidelas, bacalhau com espinafres, pataniscas de bacalhau com arroz de tomate à moda de Alcácer, entre muitos outros.

“Vamos ter um conjunto muito variado de pratos de arroz confeccionados nas margens do Sado e que são de altíssima qualidade, uma zona que é atravessada por várias culturas gastronómicas”, não tem dúvidas Vítor Proença, que deposita “as melhores” expectativas na edição deste ano.

“O facto de batermos o recorde de participantes já é muito bom. A primeira edição foi um êxito e vamos renovar a segunda com espetáculos musicais, custeados pelo município, no interior dos restaurantes na hora das refeições”, acrescenta o presidente, que recebeu indicação dos gerentes, cozinheiros e cozinheiras, no final da primeira edição, para que “fosse renovada a segunda edição da rota, em função do êxito registado”.

Segundo o presidente do município, a região de Vale do Sado, onde se inclui Alcácer do Sal que tem quatro unidades de descascadores, contribui com “cerca de 33 por cento do total da produção nacional de arroz”. ■

Pimel de regresso ao renovado Parque Urbano de Alcácer

Atividades económicas e turísticas são valorizadas através de um certame que deverá fazer duplicar, durante quatro dias, a população do concelho.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO IMAGEM DR

APÓS DOIS ANOS de ausência, devido à pandemia, a Pimel - Feira do Turismo e das Atividades Económicas, volta a animar Alcácer do Sal. Trata-se da 30ª edição de um certame que funciona como polo aglutinador dos interesses comerciais e turísticos do concelho e que, ao longo dos quatro dias em que se realiza, promete fazer duplicar a população da cidade.

Agendado entre 23 a 26 de junho, o certame, que sendo organizada pela câmara também conta com a colaboração da Associação de Agricultores de Al-

cácer do Sal, realiza-se no renovado Parque Urbano da cidade e deverá contar com um mínimo de 80 expositores.

Em declarações ao Semmais o presidente do município, Vítor Proença revelou que o evento deste ano terá um custo mais reduzido que os anteriores (cujo montante não revelou). “O que posso dizer é que iremos gastar menos 200 mil euros do que nos anos anteriores. Esta redução dos custos tem muito a ver com os trabalhos de recuperação do Parque Urbano”, referiu.



O referido parque é, de resto, uma das mais valias que tem sido enfatizada pela autarquia, que ali construiu um espaço para exposições e eventos de grande dimensão e moderno. “Os trabalhos efetuados neste espaço ascendem a cerca de 4,5 milhões de euros”, adiantou o autarca, que destacou ainda a criação de um local de estacionamento para cerca de 200 veículos.

Na apresentação do certame efetuada esta semana também o presidente da Associação de Agricultores, Francisco Vacas, salientou a importância do mesmo, uma vez que o concelho é essencialmente agrícola e a promoção dos seus produtos, assim como da produção animal, é essencial para alavancar a economia.

Pensada para ser um elo de união entre todos os residentes, a Pimel tem este ano a particularidade de ir buscar e levar todos os habitantes do concelho aos seus locais de residência, por mais distantes e recônditos que estes sejam, tendo a câmara anunciado que irá fazer circular um “comboio” rodoviário que fará o respetivo transporte.

Alcácer do Sal, que tem cerca de 14 mil residentes e que aguarda, durante o evento, a visita de outras tantas pessoas, prepara-se também para oferecer um vasto e diversificado cartaz de espetáculos musicais, nos quais avultam os cantores Toy, David Carreira, Fábica Rebordão, Pedro Abrunhosa e Diogo Piçarra, entre muitos outros. ■

CASA ERMELINDA FREITAS LANÇA VINHO ESTAGIADOS NAS PROFUNDEZAS DA SERRA

Das Grutas de Mira de Aire para os mercados nacional e internacional



Os 80 metros de profundidade, a temperatura e humidade constantes e um conjunto de sete castas conferem ao “Vinho das Grutas Reserva” uma frescura e um gosto particular. Como se fosse fruto do mar.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM SEMMAIS/DR

O ESTÁGIO em profundidade é uma das grandes inovações dos produtores de vinho, apostados em encontrar novas fórmulas para valorizar os seus produtos. A Casa Ermelinda Freitas apostou nas Grutas de Mira de Aire, para li fazer estagiar durante cinco anos o “Vinho das Grutas Reserva”, um tinto agora apresentado e que é, claramente, um produto final mais vivo, fresco e com outros argumentos para se impor no mercado.

Um estágio de cinco anos a 80 metros de profundidade, com temperatura contínua de 17 graus e um teor de humidade de 90 por cento resultou num produto final diferenciado, conforme explicaram a responsável pela empresa, Leonor Freitas, e o enólogo, Jaime Quendera, que na semana passada conduziram a imprensa até às Grutas de Mira



de Aire, “adeга” especial, que não só atribui as suas condições naturais ao produto vínico de Palmela, como se promove turisticamente através do vinho.

Ao todo são 12.000 as garrafas de “Vinho das Grutas Reserva” que, depois de um ano a estagiarem em cascos de carvalho (francês e americano) seguiram para as profundezas da Serra de Aires onde, desde 2017, têm vindo a aprimorar a qualidade inerente a uma mistura de castas nacionais e francesas, nomeadamente a Castelão,

Touriga Nacional e Aragonês, e a Syrah, Cabernet Sauvignon, Merlot e Petit Verdot.

ESPECIALISTAS ENALTECEM CORPO E SABOR DO VINHO

O resultado deste cruzamento de sete castas e das condições especiais das grutas parece, numa primeira análise, ter merecido os aplausos dos especialistas que tiveram a oportunidade de provar o vinho, os quais salientaram não só o corpo e sabor do mesmo, mas também a acidez e frescura que lhe terão



sido transmitidos pela profundidade. Muitos acreditam que as características acrescentadas por este processo de estágio são idênticas às que são transmitidas quando se deixam ficar garrafas no fundo do mar.

A importância deste novo produto, mesmo que à distância, acabou por ser enaltecida pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que através de uma gravação, enalteceu o trabalho da equipa liderada por Leonor Freitas na procura de mais e melhores néctares capazes de se impor nos mercados nacional e internacional.

Essa mesma valorização acabou por ser salientada pelo secretário de Estado da Agricultura e Desenvolvimento Rural, Rui Martinho, que não se esqueceu de lembrar que a Casa Ermelinda Freitas foi, no ano passado e apesar das contingências decorrentes da pandemia de Covid-19, responsável por 16 por cento de toda a produção na península

de Setúbal e por 27 por cento do vinho certificado produzido na mesma região. Um contributo significativo, referiu o governante, lembrando o aumento nacional de oito por cento nas exportações, as quais, a nível do país, corresponderam a quase mil milhões de litros.

Tanto Leonor Freitas, como o administrador das Grutas de Mira de Aires, Carlos Alberto Jorge, acreditam que a parceria atual se pode prolongar e a prova disso é que depois de serem retiradas das grutas as primeiras 6.000 garrafas outras tantas ocuparam o lugar, sendo, portanto, de prever que a união entre as duas entidades se venha a cimentar, pois se uma ganha em termos de qualidade do produto, a outra usufruiu de uma mais valia em termos promocionais.

O “Vinho das Grutas Reserva” foi elaborado com castas de vinhas situadas em Fernando Pó, em terrenos de arenitos e de clima mediterrânico. A graduação é de 14,5. ■



Dia Internacional SPIS

Sobre o Evento

O ST. PETER'S INTERNATIONAL SCHOOL conta com 44 nacionalidades diferentes na sua comunidade escolar, número que vai crescendo de ano para ano. Para promover a compreensão intercultural, a partilha de diferentes heranças e criar novas oportunidades de aprendizagem, o St Peter's International School celebrou o seu primeiro Dia Internacional, em colaboração com a Associação de Pais e Professores (PTA), no dia 27 de maio.

Em todo o colégio, os alunos escolheram um país para a sua turma representar (com exceção do 6.º Ano, que colaborou para fazer uma apresentação especial sobre o país anfitrião, Portugal). Os alunos aprenderam sobre a cultura, línguas, trajes, história, comida, música e tradições de cada país escolhido, a fim de apresentar os resultados da sua aprendizagem a outros alunos, pais e convidados durante o dia. Este evento foi também uma oportunidade para angariar algum dinheiro para uma causa solidária, os Vicentinos de Palmela.

Todos os alunos receberam um 'passaporte' que era carimbado nas bancas dos vários países e ganhavam um prémio caso o completassem com todos os carimbos. O evento também contou com uma cerimónia de abertura, incluindo um desfile de bandeiras, e ainda com uma série de eventos e demonstrações ao longo da tarde, incluindo Fado, Karaté, Lacrosse e Ballet. Os visitantes puderam deliciar-se com refrescos, algodão doce, pipocas, gelados e um churrasco.

Sobre o St Peter's International School

NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS, o St. Peter's International School tem-se revelado a melhor aposta educacional na zona de Palmela e arredores, tanto para famílias portuguesas como para famílias internacionais que desejam dar aos seus filhos o melhor da educação privada. O St. Peter's oferece programas educacionais personalizados dos 4 meses aos 18 anos de idade, com instalações de qualidade, incluindo uma nova residência de boarding, concluída em setembro de 2021, para alunos a partir dos 14 anos.

O colégio oferece o Currículo Nacional Português num modelo bilingue até ao final do 6.º Ano, tendo os alunos a partir do 7.º Ano a opção de continuar o percurso educativo seguindo o Currículo Nacional, ou mudar para o Currículo Internacional, seguindo os Programas de Diploma IGCSE e IB de Cambridge. Para além de um forte programa académico, o St. Peter's oferece também aos alunos a oportunidade de participar numa vasta gama de outras atividades, durante e depois das aulas, incluindo desporto, música, artes performativas e teatro, public speaking, viagens académicas e atividades de enriquecimento, serviço comunitário, experiência de trabalho e muito mais para além da sala de aula.



SEGUNDO LABORATÓRIO COREOGRÁFICO ITINERANTE APOSTA NA PRATA DA CASA

“SCENA” sobe ao palco pela Companhia de Dança de Almada

Um espetáculo de dança, mas com muita partilha de vivências da comunidade, na área do teatro e da dança, é o mote para a segunda edição do Laboratório Coreográfico Itinerante da Companhia de Dança de Almada.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM DR

A COMPANHIA DE DANÇA de Almada (CDA) estreia este sábado, dia 11, às 21h00, com repetição a 12, às 16h00, no auditório Fernando Lopes-Graça, a segunda edição do projeto Laboratório Coreográfico Itinerante, que envolve a nova criação “SCENA”, com coreografias de Bruno Duarte para 19 pessoas em palco.

Idealizado para proporcionar à comunidade a experiência de contacto direto com o processo de criação de uma peça de dança contemporânea,



o laboratório foi arquitetado para beneficiar as dimensões artísticas, sociais e pedagógicas das associações intervenientes, comunidades envolventes e público. “Queremos dar a oportunidade à comunidade de estar envolvida com o processo de criação de um trabalho artístico. A equipa da CDA desloca-se à cidade onde o trabalho irá ser apresentado, neste caso, Almada, mas, em breve, esperamos a ir a outras terras, e a ter encontros com pessoas da comunidade, de várias idades, com a finalidade de surgir material coreográfico para integrar o espe-

táculo”, esclareceu ao Semmais o coreógrafo.

“SCENA”, a nova criação de Bruno Duarte, é alusiva “ao teatro e às memórias teatrais”, ou seja, é “um trabalho onde se cruzam as memórias reais dos bailarinos e dos participantes da comunidade, aqui também performers, à cerca do teatro enquanto espaço físico, prática e conceito.” E, acrescenta o coreógrafo, “o palco deixa de ser apenas um espaço em que se suspende a realidade e se assume o papel de uma caixa de memória, numa celebração da farsa e do artifício.”

OBRA APOSTA NA INTERVENÇÃO E NARRAÇÃO DOS PRECIPITANTES

À equipa artística da CDA, que trabalha há várias semanas neste projeto, juntou-se um grupo de onze jovens do Centro Juvenil Padre Amadeu Pinto e alguns alunos da Ca.DA Escola. Participam ainda no projeto, duas estagiárias da Escola de Dança Ana Mangerição - EDAM. “Este projeto tem corrido muito bem. Enquanto a anterior criação era apenas focada na dança, em “SCENA” queremos que os participantes falem e partilhem as suas histórias. Está a ser muito interessante ouvi-los e saber as histórias que já viveram

na área do teatro e da dança, ou que eles viram acontecer, e isso é muito enriquecedor para nós”, sublinha Bruno Duarte.

Esta nova criação sucede a “Dentro do Abraço”, do mesmo coreógrafo, cujos laboratórios itinerantes se realizaram, entre 2016 e 2018, duas vezes em Almada, com a Associação de Solidariedade e Desenvolvimento do Laranjeiro, a Ca.DA Escola e alunos do projeto municipal Almasénior; em Bragança, com o Conservatório de Música e Dança de Bragança; em Castro Verde, com a Associação de Respostas Terapêuticas e elementos da comunidade local; em Estarreja, com a Cooperativa para a Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados de Estarreja e elementos da comunidade; em Goiânia (Brasil), com alunos de várias escolas goianienses; e em Karlovac (Croácia), com o Centro para a Dança e Artes Performativas F.R.E.E. D.A.N.C.E. e elementos da comunidade local.

Após a estreia em Almada, a CDA irá apresentar “SCENA” a outras terras, de forma a fazer chegar o espetáculo ao “maior número de intervenientes e públicos”, pelo que Bruno Duarte destaca que “temos muito gosto em visitar novas cidades e países, mas, claro, também “repetir as mesmas cidades porque o resultado iria ser muito diferente”. ■

Ensaaiador Bruno Frazão dá cartas nas marchas de Lisboa

Há 23 anos envolvido nas marchas sadinas, Bruno Frazão pisca o olho a uma vitória na capital. Uma experiência agradável com pernas para andar, é como descreve a sua aventura nas coreografias do desfile da Baixa.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM RUI DAVID

DEPOIS DE TER VENCIDO três vezes - uma vez na Palhavã e duas no Independente - e de ter levado todos os prémios da especialidade das marchas de Setúbal para casa, o ensaiador Bruno Frazão vira-se agora para as ‘alfacinhas’. Este ano, por convite da Academia Recreio Artístico, uma das mais antigas coletivida-

des de Portugal, aceitou desenhar as coreografias os desfiles da Baixa, inspiradas no tema “Baixa virada para o Mundo”.

Bruno Frazão explicou ao Semmais que avançou para as marchas de Lisboa porque “achava que não iria haver certame em Setúbal”, mas que, ao mesmo tempo, “não se arrepende de o ter

feito”. É, pois, uma estreia absoluta a coreografar na capital, embora já tenha estado envolvido, nos últimos anos, nas marchas de Carnide e da Mouraria, com outras responsabilidades.

“Tem sido uma experiência muito agradável e maravilhosa. A ligação com a direção e, também, com os marchantes é bastante saudável e isso faz com que o grupo comece a tornar-se coeso”, argumenta orgulhoso, dando a entender que a sua participação está para continuar. “Espero continuar em Lisboa. Pelo menos vou fazer por isso”, afirma antevendo, ainda, uma “boa classificação” na marcha da Baixa deste ano, que conta com cenografia e figurinos de Setra



Confeções. Os padrinhos são José Lopes e Zulmira Ferreira.

Em Lisboa, Bruno Frazão já venceu a Grande Marcha, em 2014, alusiva ao tema “Lisboa de Fernão”, com música de Artur Jordão, de quem guarda boas memórias. Mas, o seu grande sonho na capital portuguesa é, um dia, conquistar o 1.º lugar. “Não há obstáculos nenhuns por eu ser de Setúbal. Acho que há te-

mas bem explorados e outros não e isso nada tem a ver com as origens de cada um. Ser diferente pode até ser benéfico para um bom resultado”, sublinha o ensaiador setubalense que, este ano, se encontra a comemorar os 20 anos de ensaiador. “Tendo em conta que já fui marchante, durante três anos, posso dizer que estou envolvido nas marchas há 23 anos”, vinca. ■

Sixal World Music aposta na multiculturalidade

Música, gastronomia, artesanato, literatura e muito mais, compõem o cartaz do Seixal World Music, um evento a pensar nos valores da tolerância, da integração e da paz entre os povos.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM DR

“**UMA VERDADEIRA FESTA** da multiculturalidade, em que a partilha cultural e de saberes e sabores está bem presente”. É assim que o vereador Paulo Silva, com o pelouro da Cultura do município seixalense, encara o Seixal World Music que está de regresso ao Parque Urbano José Afonso, em Miratejo, de 17 a 19 deste mês, com entrada livre.

O evento promove a multiculturalidade, a tolerância, a integração e a paz entre os povos, através da música e de outras expressões artísticas oriundas de diversos países. No dia 17 sobem ao palco Ayom (Brasil) e Selma Uamusse (Moçambique/Portugal), enquanto no dia seguinte cantam Velha Gaiteira (Portugal) e Paulo Flores (Angola). No último dia é a vez da atuação de Mário Lúcio & Os Kriols (Cabo Verde) e Eneida Marta (Guiné-Bissau).

Mas nem só de música vive o Seixal World Music. Haverá um espaço dedicado às associações de imigrantes do concelho do Seixal, com animação, gastronomia e



exposições de artesanato. “Este festival é um motivo de orgulho para a câmara e para a comunidade, porque a sua programação é feita a pensar nos valores da tolerância, da integração e da paz entre os povos, dando voz a artistas de vários países”, sublinha Paulo Silva.

O autarca realça ainda que esta festa promovida por “todos e para todos” é um “hino à partilha e à valorização e divulgação da diversidade cultural” existente no concelho do Seixal. “Neste concelho que se orgulha da sua multi-

Paulo Flores é um dos artistas do cartaz musical

culturalidade, lembramos, através do Seixal World Music, que a diversidade cultural é, também, um fator de desenvolvimento e de união entre os povos, essencial nos tempos que vivemos em que nunca é demais reforçarmos, em conjunto, a construção do caminho da solidariedade, da paz e do respeito pelas diferenças”, remata o vereador da Cultura do município seixalense. ■

Ivo Soares lança single “Diamante”

Balada inspirada nas experiências amorosas do cantor já pode ser ouvida nas plataformas digitais. O álbum só estará no mercado no ano que vem.

TEXTO ANTÓNIO LUÍS
IMAGEM RUI DAVID

O CANTOR E MÚSICO palmelense Ivo Soares, 26 anos, acaba de lançar, em todas as plataformas digitais, o seu mais recente single e videoclip, intitulado “Diamante” e composto por si, por Hugo Lino (Mastering Lisboa) e pelo pai Zé Soares (guitarista). De acordo com o cantor, o trabalho está a ser “muito bem aceite” pelo público e pelos críticos. “A aceitação do single está a ser bem melhor do que eu esperava e isso só me dá mais esperança para conti-

nuar a lançar as músicas que tenho preparadas”, refere ao Semmais o jovem artista.

O tema é uma balada que estará incluída no novo álbum a lançar no próximo ano. Fala sobre a fase do amor, que é a época do “deslumbramento pela pessoa, mas, simultaneamente, ilusória”. Nesse novo disco, Ivo Soares tenciona incluir “todas as músicas que irá lançar este ano”. “Quero que seja um trabalho bem feito e com imensa qualidade. Isso demora, por vezes, algum tempo”, explica, afirmando que gosta que as pessoas se identifiquem com as melodias, “cada uma à sua maneira, e que estas sejam aplicadas às situações de vida de cada um”.

Ivo Soares, um dos treze finalistas do programa da SIC “Portugal tem talento”, em 2011, quando tinha 15 anos, anda, a todo o gás, a promover o seu single “Diamante” na televisão. “Já o estive a promover em dois programas da RTP, mas tenho planos para continuar a promoção em diferentes locais, incluindo nas rádios locais”, sublinha, torcendo o nariz a uma



nova participação num concurso televisivo; “Não estou com nenhuma vontade de voltar a um concurso de televisão”.

Como aspiração, o cantor pretende, acima de tudo, “encontrar a felicidade e, depois, o sucesso musical”. Aliás, segundo o artista, os seus trabalhos musicais, produzidos pelo próprio, falam sobre “a minha vida, a minha confusão mental e as minhas experiências. Sei que muitas pessoas vão identificar-se com o que eu escrevo”.

Além de cantor profissional, Ivo Soares também dá aulas de piano e de canto em diferentes escolas, incluindo a sua própria escola, a Art’Ensemble, com instalações em Palmela e em Almada. “Divido a minha vida entre dar aulas e cantar. Tenho a benção de fazer o que gosto”, remata. ■

Agenda



“MONÓLOGOS DA VACINA”

João Baião pisa o palco do Teatro Joaquim d’Almeida com o espetáculo “Monólogos da Vacina”. Uma ideia original do artista que promete arrancar gargalhadas a todos que assistirem a esta comédia musical.

Montijo

10 de junho, às 21h30



CAROLINA DESLANDES

Carolina Deslandes sobe ao palco da Feira Festa, na Quinta do Conde. A cantora e compositora é uma das maiores artistas da atual geração. Com milhões de visualizações no Youtube tem-se afirmado como uma das maiores referências nos universos digital e da música nacional.

Sesimbra

11 de junho, às 21h30



“MAGALHÃES”

O Centro de Artes acolhe “Magalhães”, no âmbito do Litoral EmCena. A peça de teatro, encenada por José C. Garcia e interpretada por Núria Cuadrado e Pedro Diogo, aborda a viagem de circum-navegação empreendida por Magalhães e Elcano há 500 anos.

Sines

11 de junho, às 21h30



R.A.M.P

Os veteranos nacionais R.A.M.P. vão estar na estrada para uma tour de promoção ao novo disco “Insidiously”, o sucessor do já longínquo “Visions”, de 2009. E a Associação Desenvolvimento Artes e Ofícios vai receber a banda para um concerto que promete ser memorável.

Barreiro

17 junho, às 22h00

MERCADO FRANCÊS É O PRINCIPAL ABASTECEDOR DO PAÍS E NÃO O UCRANIANO

Silopor na Trafaria assegura que não vai faltar trigo para consumo interno

O trigo para alimentação humana não vai faltar e o mesmo deverá acontecer com os produtos para alimentação animal. A Silopor, empresa nacional com maior capacidade de armazenamento, será abastecida a partir de França, Brasil, Argentina e EUA.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR

O PÃO E AS BOLACHAS não vão faltar, assim como não deverão existir problemas, a curto prazo, com o abastecimento de produtos para fazer rações para os animais, mas o aumento dos preços será inevitável. Esta é a posição dos responsáveis da Silopor, a empresa sediada em Lisboa e na Trafaria, que faz o transporte e distribuição de cereais e oleaginosas para um vasto leque de importadores.

A Silopor será, de resto, responsável por cerca de metade da



Silos da Trafaria armazenam 200 mil toneladas de cereal

distribuição do milho e do trigo importados anualmente por Portugal, tendo uma capacidade de armazenagem (sobretudo nos silos da Trafaria, concelho de Almada) na ordem das 200 mil toneladas e que é a maior do país.

Em conversa com o Semmais, durante um encontro realizado na semana passada em Lisboa e promovido pela ACICO - Associação Nacional de Armazenistas, Comerciantes e Importadores de Cereais e Oleaginosas, o vogal da empresa, Samuel Cruz, começou por salientar que a guerra na Ucrânia não coloca em risco o abastecimento nacional de trigo

panificável (o que serve para fazer pão e bolachas), uma vez que não é aquele país o fornecedor essencial, mas sim a França e, em menor dimensão, a Inglaterra.

“O risco que pode vir a existir no trigo panificável será sempre da responsabilidade da China, que também procura outros mercados abastecedores e poderá vir a provocar um encarecimento dos custos caso comece a tentar abastecer-se em França. Mas, no caso de tal vir a acontecer, compete à União Europeia tomar as medidas adequadas”, explicou o responsável da Silopor.

CEREAL PARA RAÇÕES VEM ATUALMENTE DO BRASIL

Já em relação ao trigo forrageiro, aquele que é utilizado para fazer rações para os animais, não é previsível que, até ao inverno, venham a ocorrer problemas de abastecimento. “Esse tipo de trigo é, efetivamente, proveniente da Ucrânia. Com a guerra e todos os problemas resultantes, passou a ser o Brasil o principal abastecedor, situação que se irá manter até quase ao final do ano. Depois, entrarão

em campo as importações asseguradas na Argentina e no Estados Unidos. O problema que se pode colocar em relação a estes dois países tem a ver, sobretudo, com as sementes geneticamente modificadas (no caso dos Estados Unidos) e no uso de pesticidas”, esclareceu Samuel Cruz.

Com as expectativas dos importadores salvaguardadas, está também assegurada a laboração plena da Silopor que, seja através de camiões ou recorrendo a batelões, consegue sempre dar resposta às solicitações do mercado. “Os grandes volumes de importação atuais são de soja, que pode ser utilizada para biodiesel e para rações de aves, e de milho. Acontece que as grandes fábricas para transformação desses produtos se localizam, na sua maioria, a Norte do Rio Tejo. Assim, partindo do princípio que os custos de transporte destes produtos são fundamentais, é evidente que, por exemplo, o porto de Sines não é uma opção rentável para o desembarque destas substâncias. O transporte rodoviário, devido à distância, iria encarecê-las. Além disso, em Sines também não existem as infraestruturas necessárias para a descarga destes produtos”, disse ainda o mesmo responsável, explicando desse modo a importância das instalações da Trafaria. ■

Mais Negócio Portugal expande rede na região de Setúbal

Empresa de networking prepara-se para criar uma dezena de grupos, com cerca de vinte empreendedores representantes de distintos setores de atividade.

TEXTO DAVID MARCOS
IMAGEM DR

LANÇADO EM 2014, o projeto Mais Negócio Portugal encontra-se, segundo um dos direto-

res nacional, em clara expansão na região de Setúbal. A ideia foi transmitida ao Semmais no último almoço semanal que, realizado no Clube de Golfe Quinta do Peru, na Quinta do Conde, contou com empreendedores de diversas áreas de atividade.

“Está a superar as nossas expectativas. Estamos a aumentar a nossa rede aqui na região. O primeiro passo será criar os primeiros 10 grupos na região, com a média de 20 elementos de todos os setores de atividade”, referiu Pedro Martins Ribeiro, acrescentando que a empresa de networking “está cá para ajudar (os profissionais)



e entregar as ferramentas para que obtenham os resultados que pretendem para as suas empresas”.

Manifestamente satisfeito com a adesão dos empresários, o mesmo responsável explicou ainda ao nosso jornal que estes encontros são, sobretudo, um “momento onde os membros podem recolher contactos, encontrar novos parceiros e estabelecer novas oportunidades de negócio”.

Presente no almoço, Argentina Marques, vereadora da câ-

mara de Sesimbra, revelou ao Semmais que a autarquia tem “real interesse” em ser “um elemento facilitador”. “Penso que podemos descomplicar a burocracia e conseguir estabelecer uma boa e dinâmica relação com os empresários”, referiu.

Argentina Marques disse ainda que um dos grandes desejos é permitir o desenvolvimento e criação de riqueza no concelho, de forma que empresas e pessoas se possam fixar, sobretudo municípios que, por vezes, têm de

deixar o município por questões profissionais.

Também presente esteve Carlos Pólvora, presidente da Junta de Freguesia de Quinta do Anjo, que partilha a visão da vereadora da autarquia de Sesimbra. “Os empresários e comerciantes são parceiros essenciais para a nossa freguesia”, afirmou, avançando que a junta se candidatou, pela primeira vez, a fundos comunitários e ao Programa Bairros Comerciais Digitais, que podem permitir apoiar os comerciantes. ■

Forest Land projeta novo alojamento para Azeitão

Um novo conceito de glamping está a chegar aos Casais da Serra. A estadia poderá ser feita numa tenda safari, num pod ou numa suite com acesso à piscina.

TEXTO DORA DUARTE

O PROJETO do empreendimento, já aprovado pela câmara de Setúbal e que terá capacidade total para 30 hóspedes, prevê a construção de um edifício com duas suites com acesso à piscina, um jacuzzi e uma sauna. Já no exterior serão instaladas as tendas safari e os pods.

“Iremos ter quatro pods e sete tendas safari, cada uma com um nome próprio e elementos distintos de decoração, ou seja, baseamo-nos sempre na mesma temática que é a natureza, mas depois iremos diferenciar cada

equipamento e personalizá-lo”, avança ao Semmais a proprietária Manuela Carvalho

Distintas das utilizadas no campismo convencional, as tendas terão televisão e até WiFi. Já os pods pretendem oferecer “uma experiência glamping, combinando experiências ao ar livre com o conforto de um hotel de luxo”. Segundo as proprietárias serão utilizados apenas materiais duráveis, ecológicos e amigos da natureza”.

A ideia, disse ao nosso jornal Manuela Carvalho, surgiu em 2020, mas devido à covid só agora ficaram reuniram todas as condições para avançar. Contudo, o projeto encontra-se ainda à espera de financiamento: “Estamos a reunir todos os esforços para que a construção do projeto aconteça no final deste ano com a expectativa de podermos abrir ao público no verão de 2023”, afirma.

Enquanto o alojamento não entra em funcionamento, as duas sócias Manuela Carvalho e

Maria João Chambel vão explorando o espaço com atividades de animação turísticas. Neste setor, a oferta varia entre a realização de passeios para observação de golfinhos, jantares e sunsets a bordo, tours vinícolas e gastronómicas ou caminhadas pela Serra da Arrábida.

Mas não ficamos por aqui, a Forest Land disponibiliza também uma tenda, onde é possível realizar eventos corporate, despedidas de solteiro, festas de aniversário ou temáticas, baby showers e até casamentos.

Em conversa com o Semmais, Manuela Carvalho referiu que outra das grandes atrações do espaço são as atividades na parte exterior, onde organizam aulas de ioga e body balance, massagens, terapias e provas de vinhos. “Estas iniciativas são muito requisitadas pelos clientes, especialmente na altura do verão”, disse, referindo que também é possível reservar o espaço para um piquenique, cujo catering pode ser garantido pela empresa. ■

Porto de Sines entre os mais eficientes

TEXTO DAVID MARCO

A INFRAESTRUTURA portuária de Sines é, de acordo com o relatório do Banco Mundial e da consultora S&P Global, a 3ª mais eficiente na Europa e a 30ª no mundo, no que respeita “à eficiência dos portos que movimentam carga contentorizada”, entre os 370 analisados.

O indicador aplicado no referido documento, segundo um comunicado da Administração dos Portos de Sines e do Algarve S.A (APS) enviado à nossa redação, levou em “conta o tempo dos navios em porto, desde a entrada até ao fim das operações, revelando a performance de vários stakeholders, desde os serviços de controlo de tráfego e pilotagem, reboque e amarração, o despacho pelas várias autoridades, abastecimentos e, logicamente, as operações de carga e descar-

ga dos contentores garantidas pelo concessionário”. Neste sentido, em 2021, afirma a APS, registou-se um recorde de carga movimentada “para um total acima dos 1.8 milhões de TEU e um crescimento de 13% face ao ano anterior”.

Também a revista especializada “Transportes XXI” destaca o porto de Sines, considerando-o o 19º maior da União Europeia, subindo um lugar desde a última publicação, em indicadores que levam em conta “a tonelagem de carga movimentada em todos os terminais”.

De acordo com a mesma nota de imprensa, esta subida ocorre porque o porto de Sines, em 2021, “movimentou 46.6 milhões de toneladas”, um aumento de 10% em relação ano anterior, registando “o sétimo maior crescimento anual” entre as infraestruturas da União Europeia. ■

PORTO DE SINES
PORTA ATLÂNTICA DA EUROPA

O porto de águas profundas de Sines está apto a receber os maiores navios do mundo e a movimentar todos os tipos de cargas, oferecendo ligações diretas regulares aos principais mercados dos cinco continentes. Com elevados índices de produtividade e operações 24 horas por dia, Sines potencia a economia e as exportações nacionais, assumindo-se como a Porta Atlântica da Europa.

www.portodesines.pt

PORTO DE SINES

PUBLICIDADE

PALMELENSE VENCE TAÇA DE PORTUGAL DE CICLISMO MASTER 40

Ana Neves vai representar o país no campeonato do mundo em Itália

Com um pé no Campeonato do Mundo, a tricampeã nacional, Ana Neves venceu, novamente, e pela terceira vez, a Taça de Portugal Feminina de Ciclismo no escalão Master 40.

TEXTO DORA DUARTE
IMAGEM DR

A ÚLTIMA DAS CINCO competições que deram a taça à ciclista da Associação Desportiva Bike & Nutrition, de Palmela, decorreu em Tondela no passado dia 15 de maio e contou com uma prova de duas horas num percurso urbano com cerca de 75 quilómetros.

Para Ana Neves este percurso foi mais difícil do que aparentava e estava bastante “camuflado”. “A última prova decorreu num circuito urbano que se desceia por um lado e subia por outro, portanto era bastante acumulado e foi muito duro”, disse ao Semmais.

A ciclista venceu três das cinco provas que constituíram esta competição e respirou de alívio quando chegou ao final da meta, sem esconder a felicidade por ter superado um processo agitado. “Durante as eliminatórias tive alguns imprevistos, por exemplo



numa tive um problema mecânico, saltou-me a corrente da bicicleta e tive que passar a meta, o sprint, sem pedalar. Portanto, acabei por ficar em segundo lugar, mas os somatórios das cinco provas deram-me a vitória”, partilhou a palmelense que venceu com 220 pontos.

Com um caminho cimentado no ciclismo, a atleta estava confiante de que iria chegar a bons resultados. “Já venho com três vitórias dos anos anteriores, não é que estivesse à espera, mas estava confiante no trabalho que tinha feito até esta meta. Obvia-

mente que o desporto é imprevisível, mas no que diz respeito à preparação, eu sabia que estava apta”, referiu ao nosso jornal.

“É um grande orgulho vencer esta taça, porque ainda que eu faça isto por hobby não deixo de dedicar muito do meu tempo ao ciclismo. Digamos que esta vitória é um retorno ‘doce’ do meu trabalho”, acrescentou.

ENTRE A FARMACÉUTICA E O HOBBIE DESPORTIVO

Farmacêutica de profissão tenta gerir ambas as atividades e dedicar todos os bocadinhos ao

desporto. “Treino todos os dias, mas uns só consigo treinar durante uma hora, outros consigo fazer quatro, tenho de ir gerindo conforme a minha atividade profissional”, explicou a ciclista de 43 anos.

Ao nível da competição a palmelense estreou-se em 2018 com uma subida ao segundo lugar do pódio que ficou marcada por uma ida para o hospital com a mão partida, mas como diz o ditado popular, ‘não interessa como começa, interessa como acaba’. “A minha primeira participação num campeonato nacional foi em Belmonte, onde

tive o azar de cair e partir a mão, ainda assim fiz a prova até ao final, sagrando-me vice-campeã e depois dali sai para ser operada”, sublinhou Ana Neves.

Nos seguintes anos a ciclista venceu todos os campeonatos, sendo atualmente tricampeã nacional. Venceu também a volta à Madeira em 2021, e esta é a terceira taça que conquista. Para o futuro próximo está reservada uma viagem até ao Campeonato do Mundo.

“Este ano, a 18 de setembro, estarei a representar o país e Palmela no Campeonato do Mundo de Masters de Ciclismo, em Itália, com uma prova duríssima”, partilhou, referindo que o seu marido, José Costa, também está qualificado na categoria masculina.

O casal tem em comum a paixão pelo ciclismo e, quando perceberam que em Palmela não existia nenhuma instituição de ciclismo de competição, acabaram por criar a Associação Desportiva Bike & Nutrition.

“É um projeto que nasceu de ambos, o José sempre esteve ligado ao ciclismo eu comecei mais tarde. Verificamos que tínhamos uma lacuna no concelho e criámos a associação. Fundámo-la em outubro de 2018 com investimento próprio e felizmente tem crescido em número de atletas, tanto masculinos como femininas. Este ano já entraram 14 atletas e isso é muito gratificante”, sublinhou Ana Neves. ■

Micael Sequeira vai treinar o Vitória de Setúbal

O novo treinador assinou com os sadinos um contrato de uma época, com opção de uma segunda.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO
IMAGEM DR

O VITÓRIA Futebol Clube anunciou, no último sábado, o novo treinador para a equipa de futebol que na próxima época irá disputar a Liga 3. Trata-se de Micael Sequeira, técnico que na época passada esteve ao serviço do Lokomotiv Tashkent, equipa do Uzbequistão.

Micael Sequeira, de 48 anos, é apresentado pelo clube como “forte a potencializar jovens” e que gosta que as suas equipas “se diferenciem pela união e trabalho, estando sempre muito próximo do plantel, características que o destacam e nos trazem a garantia de muitas vitórias”. Assinou contrato de uma época com opção de uma segunda.

Antes de rumar para o Uzbequistão, Micael Sequeira desempenhou funções de treinador adjunto no Sporting Clube de Braga, e de treinador principal nas formações principais do Freamunde, Merelinense, Atlético de Valdevez, Trofense e Desportivo das Aves.

Na equipa do Vitória, Micael Sequeira vai substituir o treinador Filipe Moreira, que abandonou o clube no início de maio. Embora sem ter efetuado ainda declarações à imprensa, o objetivo será sempre o de conseguir a promoção à Liga 2.

O Vitória Futebol Clube é a instituição desportiva mais representativa do distrito, tendo as suas equipas de futebol disputado, até há três épocas, o principal campeonato nacional de futebol, onde conquistaram algumas Taças de Portugal, a primeira Taça da Liga e obtiveram diversas qualificações para as competições europeias. Graves problemas financeiros, que resultaram



em diversas crises diretivas, e que já se haviam declarado há mais de uma década acabaram por ditar o impedimento de o clube se inscrever nos campeonatos nacionais, sendo remetido para as competições regionais.

Ao longo dos anos as dire-

ções do Vitória têm procurado, junto de diversas entidades, entre elas a Câmara Municipal de Setúbal, os apoios que lhe permitam rentabilizar e preservar o património existente, de que é exemplo principal o Estádio do Bonfim. ■

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

O leme do PRR está bem entregue

A NOMEAÇÃO de Pedro Dominginhos para presidente da Comissão Nacional de Acompanhamento do Plano de Recuperação e Resiliência (PRR) só pode ter sido estranha ou levantar dúvidas a quem o não conhece, nem há pessoa nem o seu currículo.

O ex-presidente do Instituto Politécnico de Setúbal é um alentejano que se apaixonou pela região de Setúbal, que a conhece como poucos, nomeadamente o seu perfil de desenvolvimento e as necessidades endógenas e exógenas capazes de confirmar esse desiderato.

Quando concorreu à liderança do IPS, o Pedro - se me é permitida a forma informal do tratamento - era um quase desconhecido na região, mas como ficou provado já granjeava competência junto dos seus pares eletivos da instituição. Assumiu o cargo sem mácula e, hoje, não se pode falar do IPS sem olhar à visão, ao trabalho e à estratégia que o próprio delineou.

O IPS de hoje, e diria eu o ensino politécnico no país - presidiu também ao Conselho Coordenador dos Institutos Politécnicos - ganhou grandes avanços e credibilidade inegável pelas suas mãos.

Mas Pedro Dominginhos fez muito mais que isso. Embrenhou-se nos desafios da região de Setúbal, de forma superior, sem provincianismos, sendo na atualidade, com todo o orgulho, uma das novas figuras de destaque das terras da margem Sul que o acolheram e respeitam.

Isso é meritório e faz jus a esta nomeação para um cargo da importância estratégica como é o PRR. É, portanto, a pessoa certa no cargo, porque tem sabido manter a sua independência, transformando a escolha de António Costa numa opção pela capacidade e pela competência, e também, digo eu, mais um orgulho para esta nossa região.

Não deixa de ser um gigantesco desafio. Mas mesmo perante essa latitude e grau de dificuldade, fez bem em aceitar. Se incluir nesta empreitada a ambição que relevou em cargos anteriores, os trabalhos de Pedro Dominginhos vão ser uma lufada de ar fresco e uma ajuda preciosa para os objetivos que o Governo e o país definiram para esta missão de bem público.

Tenho a certeza que o fará nesse espírito de saber fazer, congregando as premissas que balizam a concretização do PRR, a harmonização da coesão territorial implícita na grande tarefa e o aprimorado diálogo entre administração central, gestão intermédia, autarquias e instituições públicas e privadas.

É hora de arregaçar as mangas e com Pedro Dominginhos ao leme isso está garantido. Não se espere, porém, que olhe só para dentro, para a região. A empreitada é nacional, é essa visão que se lhe exige. Mas pode ser uma ajuda vital no quadro do nosso território, porque, pelo menos não precisa de trabalho de casa, muito menos de diagnóstico. ■

CARLOS CARDOSO
GESTOR

MARIA (NOME FICTÍCIO) vive em Azeitão e trabalha na baixa de Setúbal. Por falta de alternativa nos transportes públicos estava obrigada a utilizar o seu próprio veículo para se deslocar diariamente para o seu local de trabalho. Pensou Maria que o novo plano de mobilidade anunciado pela Câmara de Setúbal com pompa e circunstância na habitual página de Facebook, com as fotos da praxe que tanto agradam aos decisores públicos, iria finalmente permitir que poupasse algum tempo e dinheiro nas suas deslocações. Mais uma vez a sua desilusão ficou patente na total falta de organização e pensamento estratégico deste executivo, pois a preparação exige mais do que autocarros de uma cor diferente e de interfaces inaugurados prematuramente. Não precisamos de uma imaginação fértil para perceber o que será um dia típico para a Maria, agora que não consegue estacionar o seu carro perto do local de trabalho, senão vejamos:

06:45: como não existem informações disponibilizadas sobre as carreiras de e para Setúbal, e a circular de Azeitão só começa às 08:30, terá de usar a sua viatura particular para se descolar até Setúbal.

07:15: Chegada a Setúbal, terá agora de deixar o carro num dos parques periféricos da cidade, na verdade apenas um é conhecido ao dia de hoje e situa-se na "central" zona

Mobilidade desorganizada

da Várzea. Tendo o azar de ser um dos raros dias que chove na margem norte do rio azul, arrisca deixar o veículo no parque que supostamente daria para 510 veículos, mas que mais não é que um descampado que levou parcialmente uma camada de brita, tentando rapidamente corrigir um erro básico de logística.

08:25: Após 10 minutos a tentar encontrar a paragem de uma imaginária carreira circular, decide aventurar-se numa caminhada de 20 minutos até ao já velho Interface, inaugurado em Setembro de 2021.

08:45: Chega finalmente ao ITS e, como não há numeração nem tão pouco tem bilhete, decide ir à bilheteira onde chega completamente encharcada porque que alguém se esqueceu de fazer uma passagem coberta. Após adquirir o bilhete, percorre desanimadamente o terminal tentando perceber junto de qual das placas deve aguardar o seu autocarro.

09:10: decide continuar à espera que o autocarro chegue apesar de, segundo o horário que lhe foi distribuído, já deveriam ter passado dois. Certamente foram suprimidos ou estão atrasados, lembra-se Maria de ter lido que existia falta de motorista disponíveis.

09:42: Chega finalmente ao local de trabalho, 42m atrasada e perdendo por isso o seu prémio de assiduidade mensal que tanto

jeito lhe faz, uma vez que é isento de tributação, única forma de conseguir levar algo mais para casa sem que o Estado tente abocanhar o seu esforço.

Obviamente que uma nova frota de autocarros e um interface junto da estação ferroviária são elementos essenciais para melhorar a mobilidade em Setúbal, mas a forma atabalhoada e desorganizada como a camara lidou (e continua a lidar) com este processo não augura nada de bom para o futuro, parecendo que a preocupação com os municípios que precisam de utilizar o transporte não são devidamente acautelados. Criticamos a preparação, a falta de cuidado e zelo que este executivo não tem conseguido demonstrar ser capaz de fazer, existe ainda muito para melhorar no tratamento que é merecido às populações de Setúbal.

E ainda falta o complexo problema de gestão da água e resíduos, de que falaremos brevemente, esperando sinceramente que não se paute pelos mesmos critérios que observámos em relação aos transportes.

PS: À hora que estiver a ler este artigo, um milagre pode ter acontecido e meses de falta de planeamento, de falta de preparação de recursos, resolveram-se de um dia para o outro. De facto, depois de tão fraco arranque, as coisas só podem melhorar. ■

À PARTE

LEVI MARTINS
DIRETOR DA COMPANHIA
MASCARENHAS-MARTINS

ATÉ 29 DE JUNHO estão abertos os concursos para os Apoios Sustentados da Direcção-Geral das Artes relativos ao período 2023-2026. Neste momento são muitas as estruturas que, como a nossa, dedicam a maior parte do tempo a imaginar, orçamentar e justificar o que tencionam fazer nos próximos anos. É um período simultaneamente de idealismo e frustração, uma vez que implica colocarmos por escrito aquilo que são as nossas convicções e desejos, tendo em conta o que sabemos possível fazer com as condições que podemos garantir (para muitos de nós é ainda mais frustrante por sabemos que, com a nossa situação de afastamento em relação aos centros de poder, é pouco provável conseguirmos obter o financiamento a que nos estamos a candidatar). Embora esteja de acordo com a necessidade de escrutínio da forma como são atribuídos dinheiros públicos, cada vez mais me parece que a avaliação daquilo que é o valor de uma estrutura, ou grupo de artistas, só pode ser feita no terreno, sem pressa, tendo em atenção factores que, por melhor que seja a argumentação, dificilmente vão conseguir ser transmitidos através do preenchimento de um formulário.

Para tentarmos ultrapassar a sensa-

O impossível

ção de que todo este trabalho pode ser em vão, agarramo-nos às convicções que nos fizeram fundar uma estrutura no Montijo, num momento em que regressamos, em certa medida, a uma sensação de enorme insegurança. Quando fundámos a Mascarenhas-Martins, em 2015, parecia um gesto insensato, tendo em conta que ainda não tínhamos conseguido livrar-nos das consequências da crise financeira que se iniciou em 2008. Agora, para além da pandemia que ainda não chegou ao fim, a guerra ensombra qualquer tipo de esperança no futuro que, na realidade, pode até já estar comprometido pela crise climática e ambiental.

Que convicções são estas que nos fazem continuar a lutar por esta causa com tão poucos militantes: a da cultura? Creio que uma das mais importantes é a crença que temos no que pode ocorrer de especial nas relações que se geram em torno da actividade artística e cultural. Nestes sete anos talvez não tenha sido possível estabelecermos tantas relações como gostaríamos, mas a verdade é que só podemos estar gratos por quem nos acompanha de uma maneira que nos faz sentir que vale a pena passar por todas as dificuldades inerentes ao tipo de actividade que desenvolvemos. É claro que tam-

bém temos os nossos desejos de expressão, as nossas obsessões, as nossas teimosias estéticas, mas cada vez mais me parece que só interessa manter uma estrutura de produção artística e cultural num contexto como este, refiro-me ao concelho do Montijo, se estivermos disponíveis para entrar em diálogo com quem aqui vive através do que fazemos.

Esta temporada que se aproxima do fim foi a primeira em que conseguimos, finalmente, intensificar a programação, de forma a incluir não apenas aquilo que produzimos, mas também o trabalho de outros grupos e artistas. A sensação é a de que esse passo foi de enorme importância, mesmo que não corresponda ainda ao que achamos que podemos e queremos fazer. Não nos interessa contribuir para qualquer tipo de insularidade do nosso trabalho. Pelo contrário, o que queremos é trabalhar para que exista uma oferta cada vez mais regular e diversificada no território em que decidimos investir as nossas vidas.

É ao regressar a este tipo de pensamento que encontramos a motivação necessária. Este projecto já se tornou muito maior do que podíamos imaginar quando o começámos. Maior do que nós. Agora que voltamos a imaginar o seu futuro, só temos uma opção: apontar para o impossível. ■

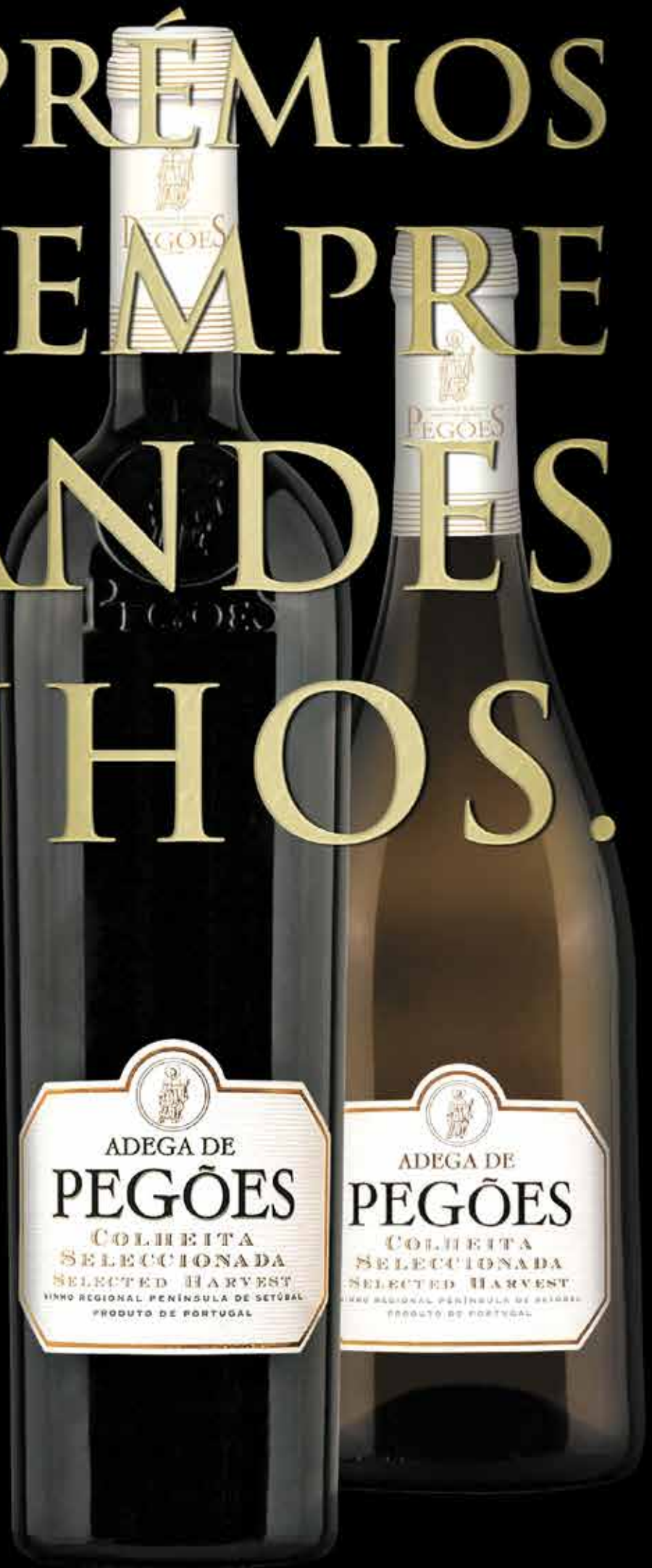
semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, Dora Duarte, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direcção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Baltazar Martins** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caraça) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica Funchalense, SA. Rua Capela Nossa Senhora da Conceição, 50 - Moralena 2715-029 - Pêro Pinheiro / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS:123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f**/jornalsemmais

Seja responsável, beba com moderação. opal

POR TRÁS DE 1000 PRÉMIOS HÁ SEMPRE GRANDES VINHOS.

Por de trás dos vinhos da Adega de Pegões há condições únicas que explicam o seu sucesso. Privilegiada pela sua localização entre as reservas naturais dos estuários do Tejo e Sado e a serra da Arrábida e bafejada por um clima de influência Mediterrânica é favorecida por um "Terroir" único que permite criar grandes vinhos, reconhecidos mais de 1000 vezes nos últimos 12 anos pelo mundo fora. O resto é o saber do homem e sua vontade inesgotável de vencer.



www.cooppegoes.pt • geral@cooppegoes.pt • Tel: +351 265 898 860 • Fax: +351 265 898